

## REFLEXÕES SOBRE A LIDERANÇA FEMININA NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DO TUCUM/BA

Karla Dias Lima (\*)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a liderança feminina na comunidade quilombola do Tucum. Localizada em Tanhaçu-BA, na região da Chapada Diamantina, a comunidade tem marcas da forte atuação política e social das mulheres. As concepções atuais acerca da história das mulheres e da liderança feminina nos segmentos populares colaboraram para a análise das especificidades das relações vivenciadas pelas mulheres do Tucum. A História Oral foi um importante suporte para a pesquisa, visto que as moradoras dão grande relevância às narrativas locais e estas se resignificaram no processo de reconhecimento da comunidade. Com este viés, pretende-se discutir as estratégias de sobrevivência e militância nas práticas cotidianas dessas mulheres, como uma possibilidade de reconstruir vivências, afetividades, ancestralidades, memórias e identidades de gênero.

**Palavras chave:** Mulheres. Liderança Feminina. Comunidade Quilombola.

### Abstract

This article aims to reflect on women's leadership in the maroon community Tucum. Located in Tanhaçu / BA, in the Chapada Diamantina region, the community has marks of strong political and social role of women. Current conceptions of women's history and women's leadership contributed to the popular segments of the particularities of the relationships experienced by women Tucum. Oral history was an important support for the research, since the residents attach great importance to local narratives and these are resignificaram in recognition of the community process. With this bias, we intend to discuss coping strategies and militancy in the daily practices of these women, as a possibility to reconstruct experiences, affections, ancestries, memories and gender identities.

**Keywords:** Women. Female Leadership. Maroon Community.

### Introdução

O estudo sistemático sobre as comunidades quilombolas no Brasil ganhou fôlego nos últimos anos, precisamente após o Decreto Presidencial 4.887 de 2003 que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, tratadas no artigo 68 da Constituição Federal.

---

(\*) Mestranda do Programa de Pós-Grd. Em História Regional e Local/UNEB. E-mail: kalludy@gmail.com.

Da estrutura básica dos quilombos históricos restaram alguns traços que, em muitas comunidades, sobrevivem até os dias atuais devido à manutenção das tradições e pela oralidade. No Brasil, as comunidades de remanescentes de quilombos, também conhecidas como “terras de pretos” ou “comunidades rurais negras” são objetos de estudos para as diversas áreas do conhecimento.

Esses estudos, em sua maioria, tratam de questões identitárias, territoriais e conceituais, a exemplo da pesquisa de Valdério Santos Silva (1999) sobre a comunidade de Rio das Rãs, no Alto Sertão da Bahia, que serviu de base inicial para muitos pesquisadores. São também importantes as discussões sobre as mulheres negras e quilombolas nas pesquisas de Maria Odila Dias (1995), Maristela de Paula Andrade (2007), Carmélia Miranda (2007) e Leila Prates (2010), que abordam as questões de gênero e as diferentes formas de atuação e liderança da mulher negra e quilombola.

Buscamos refletir sobre a liderança feminina na comunidade remanescente quilombola do Tucum, observando os lugares ocupados pelas mulheres na Associação de Trabalhadores Rurais do Tucum, nas reuniões e cursos ministrados por associações e instituições estaduais, a exemplo do ICMBio, Instituto Mauá e AMA e no fabrico de utensílios de barro, que movimentam a economia da comunidade e são vendidos na feira da cidade de Tanhaçu. Enfim, pretendemos refletir sobre a consolidação de uma liderança feminina e de que maneira esta se reverbera nas práticas cotidianas da comunidade.

Para isso, as discussões historiográficas atuais acerca das questões de gênero, assim como artigos e dissertações sobre a liderança feminina entre as mulheres negras e quilombolas, farão parte do aporte teórico utilizado para a elaboração deste artigo. Sobre o trabalho com gênero, Marina Maluf em sua obra *Ruídos da memória* diz:

A reconstrução histórica das relações de gênero recupera a importância dos papéis femininos como novos e diferenciados objetos de conhecimento que necessariamente interferem na construção de um saber histórico. O confronto entre a história das mulheres e a história dominante, entre temporalidades, conteúdos e sujeitos diferenciados, apresenta uma privilegiada oportunidade para o historiador repensar os parâmetros que informam a interpretação histórica. (MALUF, 1995, p.19).

Neste artigo, procuramos nos centrar nas percepções que as mulheres do Tucum têm sobre o mundo e a comunidade, suas noções de identidade e em suas relações com os outros moradores da localidade. No decorrer da escrita, buscaremos demonstrar como elas articulam

a sua identidade negra e quilombola e em que âmbitos assumem os papéis de protagonistas femininas. O papel das mulheres aqui apresentadas será delimitado a partir de suas relações, suas atuações e percepções coletadas em entrevistas.

### **Reflexões e pontos sobre a História das mulheres**

As obras de Michelle Perrot, Arlette Farge, Natalie Zemon Davis, Rachel Soihet, Marina Maluf, Mary Del Priore e Maria Odila da Silva Dias são de extrema importância para o estudo das mulheres do Tucum, pois proporcionam a reflexão acerca dos papéis sociais, vivências e do cotidiano. Tais estudos buscam reconstruir o papel das mulheres na historiografia, analisando pistas, fontes e relatos permitindo a reflexão sobre a trajetória feminina nos diversos âmbitos da sociedade e em sua relação complexa com o mundo masculino, assumindo os rumos e as reflexões sobre as muitas histórias de mulheres, sejam elas brancas, negras, da elite, operárias, mães ou quilombolas.

Expoente internacional da pesquisa sobre a história das mulheres, Michelle Perrot (2007) acredita que o surgimento de uma história das mulheres na Inglaterra e posteriormente na França, aconteceu por conta de fatores sociais e políticos, relacionados a fatores biológicos, sexistas e de gênero.

Ao analisar a trajetória dos estudos sobre as mulheres no século XIX, Michelle Perrot (1989) constata que o silêncio sobre elas dava-se não por falta de fontes, mas sim nos discursos, quase sempre masculinos, que não retratavam o cotidiano e os anseios reais dessas mulheres que não possuíam o direito da fala. Tinham também o seu espaço limitado ao lar e aos fazeres domésticos. “Apesar da dominação masculina, a atuação feminina não deixa de se fazer sentir, através de complexos contrapoderes: poder maternal, poder social, poder sobre outras mulheres e “compensações” no jogo da sedução e do reinado feminino. (SOIHET, 1998, p.81)

Essa invisibilidade das mulheres era ainda maior, se acrescida ao fato de que os discursos masculinos preponderavam, e as escassas fontes que pudessem mapear a trajetória de mulheres do povo eram sobrepujadas por um exclusivismo político, econômico e social masculino, no qual a história produzida era a história das mulheres da realeza ou a história das mulheres pensadas sob a ótica masculina.

Em suma a observação das mulheres em outros tempos obedece a critérios de ordem e de papel. Ela diz respeito mais aos discursos que as práticas. Ela se detém pouco sobre as mulheres singulares, desprovidas de existência e mais sobre “a mulher” entidade coletiva e abstrata à qual se atribuem as características habituais. Sobre elas não há uma verdadeira pesquisa, apenas a constatação de seu eventual deslocamento para fora dos territórios que lhe foram reservados. ( PERROT, 1989, p.10-11)

Na esfera do cotidiano familiar e elitista, a mulher, enquanto entidade coletiva e abstrata, seguia os rumos determinados pela dominação masculina, ornatos da riqueza dos maridos, à margem da participação política. Conforme a historiadora Maria Odila Dias (1995), o cotidiano é definido como um campo marcado pela dualidade de definições e conceitos que permeiam as relações sociais, as questões biológicas e psicológicas, a cultura, os sujeitos e os conceitos que se contrapõem; nesse ínterim as relações de gênero são determinadas e sofrem transformações e resignificações, frutos dessa dualidade que marca as relações cotidianas.

Pode-se a partir da análise destas questões, pensar num possível diálogo entre a história das mulheres e os estudos da mulher negra, principalmente nas reflexões sobre a opressão masculina, nesse ínterim a mulher (na categoria genérica: branca) é vista como sujeito histórico pela via da família e da natalidade, enquanto que a mulher negra ganha visibilidade pela luta por espaço e afirmação. É notório que as mulheres do povo só figurassem nos discursos masculinos, por ocasião de uma insurreição contra a ordem, os preços e determinações políticas e sociais. Pode-se pensar numa liderança feminina, principalmente nos segmentos populares, a exemplo da classe operária foco dos estudos de E.P. Thompson, em que se constata que:

Mesmo no espaço público, porém, marcaram presença as mulheres dos segmentos populares. Aqui deve-se mencionar uma pista assinalada por E.P. Thompson, acerca da liderança feminina nos motins de alimentos. Usando o corpo como arma, aos gritos, batendo panelas e caldeirões protagonizavam ruidosas aglomerações. Outros historiadores sugerem, igualmente, que essa atuação das mulheres pode-lhes ter conferido uma base de poder na comunidade. (SOIHET, 1998, p.82)

Desde a década de 70 que as intelectuais negras americanas, a exemplo de Glória T. Hull, Barbara Smith e Toni Cade Bambara, esta última com sua obra pioneira *The Black Woman* (A mulher Negra), buscam delimitar o campo de estudo sobre a mulher negra, suas experiências e trajetórias no âmbito acadêmico, como um espaço carregado de significados políticos. Para Cole e Kanif, defensoras de um espaço específico para os estudos da mulher negra na atualidade; “Ainda que os estudos da mulher negra estejam engajados de uma forma

vital com os estudos da mulher e os estudos negros, nenhuma dessas disciplinas faz destes dois propósitos uma parte central de sua missão.” (COLE E KANIF *apud* CALDWELL, 2010, p.24)

As reflexões decorrentes dos “estudos da mulher negra” fizeram com que se contrapusessem novos posicionamentos a velhas questões. Estas inquietações deram ensejo as pesquisas sobre mulheres negras e contrapunham os velhos paradigmas, principalmente os de ordem histórica, linguística e cultural que, por gerações estabeleceram uma distância analítica e uma violência simbólica contra as mulheres e, de forma ainda mais nociva contra as mulheres negras.

A liderança feminina no Tucum perpassa por questões de poder e, segundo Michel Foucault (2009), as relações humanas são relações de poder que se consolidam através do discurso. Foucault observa que o discurso não apenas traduz as lutas e as dominações, mas é também aquilo pelo que se luta; as sociedades e diversos grupos lutam pela manutenção de variados discursos sejam eles sociais, religiosos, políticos ou econômicos.

### **A liderança feminina nas práticas cotidianas das mulheres do Tucum**

As concepções acerca da história das mulheres e da liderança feminina nos segmentos populares colaboram para a análise das especificidades acerca da liderança feminina no cotidiano das mulheres negras e quilombolas do Tucum. A importância do estudo da mulher negra é reforçada em contestação à atuação conjunta do racismo e do sexismo nos discursos e fontes que tratam de sua trajetória histórica, tornando-se prementes estudos que contradigam e refutem esses discursos.

Nesse ínterim, a compreensão dos papéis assumidos pelas mulheres negras do período colonial até as comunidades remanescentes da atualidade possibilita a coexistência de diferentes modelos de relações sociais, culminando em processos interculturais, nos quais as culturas possam dialogar entre si. Para a historiadora Carmélia Miranda:

**A reconstrução dos papéis sociais femininos**, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade das experiências históricas do seu tempo, **parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos.** (MIRANDA, 2007, p. 42 grifos nossos)

O ativismo das mulheres do Tucum coaduna com a de muitas mulheres negras, militantes ou não, que resistem a calar-se frente a oposição branca, machista e elitista. Em sua pesquisa sobre mulheres negras e militantes Michele Lopes Silva (2007) constata que as mulheres são a maioria nos movimentos negros e feministas, no entanto, dificilmente tem suas especificidades atendidas pelos movimentos que frequentam.

Podemos dizer, então, que as mulheres negras podem ser consideradas mulheres em Movimentos e que estão em constante movimento. A esse processo dinâmico vivido pelas mulheres nessas organizações sociais denominamos demarcação da diferença entre os diferentes. (SILVA, grifos da autora, 2007, p. 18)

Esse papel de liderança se reflete no cotidiano dessas mulheres que se mantém em um universo demarcadamente masculino, resguardando a memória e agregando valores que somados reforçam o sentimento de pertença e identidade étnica na localidade. No Tucum, as mulheres se organizam politicamente e em outros âmbitos, desde a Associação de Trabalhadores Rurais do Tucum, a igreja, na manutenção das tradições locais e no trabalho com o barro, feito exclusivamente por mulheres, por meio do qual elas sustentam suas famílias.

A comunidade do Tucum está situada entre os municípios de Tanhaçu e Ituaçu, região da Chapada Diamantina na Bahia, onde viveu um número significativo de escravos no século XIX, fato constatado na documentação de época.<sup>1</sup> Nos relatos das moradoras do Tucum e na Declaração de Auto reconhecimento da comunidade como quilombola, elas afirmam que a comunidade surgiu em meados de 1800, quando os primeiros negros se fixaram na região.<sup>2</sup>

A busca pelo seu passado, a consciência de sua identidade e o autorreconhecimento como remanescentes de quilombolas são partes de um processo iniciado por Maria do Carmo Oliveira Silva, moradora do Tucum. Ela é uma senhora negra, vivaz, sorridente, baixinha, com cerca de um metro e meio, e com 53 anos. De acordo com os relatos dela, em 2005 quando era presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais do Tucum e frequentava

---

<sup>1</sup> De acordo com Washington Nascimento (2007), o Arraial do Brejo Grande possuía um número significativo de escravos, superando outras regiões como Lençóis e Caetité, levando-o a pesquisar a existência de famílias escravas na região. Sua análise é baseada na documentação de um censo solicitado pelas autoridades imperiais em 1870. “Este censo registrava no Arraial do Brejo Grande 1.638 escravos, ou seja, 20,48% da população — percentual maior do que muitas cidades próximas, como Lençóis, onde 10,62% eram escravos, e Vila Nova do Príncipe e Santana (atual Caetité), com 5,25%. Estas, em períodos anteriores, detinham uma grande quantidade de escravos ligados principalmente à mineração.” (NASCIMENTO, 2007, p.146)

<sup>2</sup> Informações retiradas da Declaração de Autorreconhecimento da comunidade como remanescente de quilombola, enviada a Fundação Palmares em 09/06/2006.

cursos regionais da diocese da cidade de Livramento de Nossa Senhora, entrou em contato com algumas comunidades quilombolas da região de Rio de Contas e começou a perceber as semelhanças destas comunidades com a sua, o Tucum.

Ela afirma que já sabia na época que eram descendentes de escravos, - já que, segundo seus pais, seu bisavô Cândido Pinto veio da África traficado como escravo - mas não tinha consciência de serem remanescentes de quilombolas. Maria do Carmo iniciou então o levantamento de informações sobre a origem da comunidade, procurou as pessoas mais velhas, de acordo com ela, seu critério de seleção centrou-se nos que tivessem mais de 80 anos, e, através das informações coletadas, ela mesma elaborou o texto enviado a Fundação Cultural Palmares em 2006.<sup>3</sup>

O resgate da memória foi importante para o fortalecimento do sentimento de identidade dos moradores da comunidade. Neste sentido, a memória pode ser entendida tanto sob a perspectiva do coletivo como do social, influenciando maciçamente no individual, devido as suas oscilações e mudanças. Entender as concepções de memória auxilia a análise dos fatos pesquisados.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989, p. 9)

Algumas das senhoras entrevistadas por Maria do Carmo em 2006 já faleceram, inclusive sua avó Maria Jesus Santos, nascida em 1908 e falecida em 2008, com idade de cem anos. Para Maria do Carmo, a história de sua gente é importante, faz com que valorizem sua comunidade tendo uma noção de onde vieram, quais as suas origens, sua identidade. Numa comunidade quilombola, a percepção de identidade étnica é importante para definir as fronteiras do que é inerente da comunidade e o que é influência externa e pode ser ou não relevante. Na comunidade do Tucum, a palavra quilombo e o ser quilombola ainda são fatos novos a serem apreendidos por seus moradores e cada um vai construindo suas definições a partir de suas vivências.

Maria do Carmo já exerceu o papel de liderança como presidente da Associação dos Moradores do Tucum entre 2003 e 2005, antes da comunidade ser reconhecida como

---

<sup>3</sup> Com base em entrevistas realizadas em 2009 e 2012.

quilombola. Entre os muitos problemas enfrentados pelos moradores, um fato que, quiçá justifique o protagonismo das mulheres do Tucum, é a queixa de que os homens não querem e nem gostam de discutir as questões locais e principalmente com relação a ser quilombola. Nas entrevistas coletadas elas dizem que os homens não participam das reuniões locais.

Essa recusa por parte dos homens faz com que as mulheres sejam a maioria nas reuniões locais e externas, que a comunidade participa. Maria do Carmo, juntamente com Carlito, o atual presidente da Associação dos Moradores do Tucum, buscam fazer um debate sobre as origens da comunidade de forma a sensibilizar a maioria dos moradores, mesmo com visíveis resistências por parte de alguns.

Entre as mulheres entrevistadas pode-se perceber que estas sofrem as aflições cotidianas de todas as mulheres, na lida com a casa, no trabalho com o barro e com o futuro dos filhos e dos jovens da comunidade. Assumem parte do sustento do lar, visto que algumas trabalham com o barro, fabricam panelas, vasouras, esteiras e outras trabalham na colheita do café. A região é inóspita e não oferece muitas alternativas para o trabalhador rural, sendo a colheita do café uma solução escolhida para os que precisam sustentar suas famílias.

Dona Anísia<sup>4</sup> de 96 anos, uma das matriarcas da comunidade, teve 10 filhos, dos quais sete ainda estão vivos e estavam com ela, por ocasião da entrevista, suas filhas Madalena e Maria. A elas passou tudo que sabia de sua vivência - trabalhar na roça e fazer panelas de barro - e as criou colhendo algodão e fazendo farinha para vender na feira de Tanhaçu. A princípio, por timidez, ela diz não saber mais as histórias, mas aos poucos vai tecendo suas práticas e vivências. Dona Anísia tem grande influência na religiosidade local, até recentemente, ela realizava a reza de São Roque no dia 16 de agosto. Tradição passada de mãe para filha, a ladainha<sup>5</sup> tem trechos rezados num latim rudimentar.

A questão religiosa foi importante para o fortalecimento da identidade quilombola no Tucum, existindo um entrelaçamento entre as manifestações culturais e religiosas, difícil de distinguir, mas que também é um espaço de poder feminino. A identidade, quando construída através do regaste da memória local, influi concisamente no coletivo e no individual. Do cruzamento da memória e identidade, com variáveis como tempo, espaço e movimento,

---

<sup>4</sup> Dona Anísia de 96 anos, inicialmente, por timidez, diz já não saber mais contar histórias, mas aos poucos vai desfiando os relatos contados por seus pais, avós e tios. A entrevista ocorreu em sua casa no Tucum, em 04 de agosto de 2012.

<sup>5</sup> A ladainha em latim, conhecida como Kyrie Eleison, que ela ensinou para suas filhas e sobrinhas.

ocorre a construção de múltiplas possibilidades do estudo dos grupos sociais na contemporaneidade.

As comunidades remanescentes de quilombos, ou comunidades negras dentre outras terminologias utilizadas, ao longo dos séculos construíram processos de relações sociais e de articulações que possibilitaram a construção de uma significativa rede de relações socioeconômicas e políticas que podem contribuir para o seu desenvolvimento e despontar potencialidades para uma melhor qualidade de vida dessas comunidades. (SILVA, 2012, p.58-59).

Sabe-se que a inserção das mulheres na luta pelo reconhecimento da comunidade, deu-se pelo histórico de embates que já vinham sendo travados anteriormente na lida de uma comunidade rural, a isso devemos acrescentar que o reconhecimento contribuiu para o fortalecimento desta liderança. Elas se posicionam contra a omissão dos homens, demarcação da terra, as dificuldades de emprego e renda para a família, e principalmente, nos desafios que enfrentam para afirmarem-se como mulheres negras e atuantes. Notadamente, elas utilizam estratégias de sobrevivência e militância em suas práticas cotidianas, como uma possibilidade de reconstruir vivências, afetividades, ancestralidades, memórias e identidades de gênero.

A memória é presente nas falas, nas lutas, tradições e crenças das mulheres do Tucum. Do contato com elas ficou a marca indelével de seu protagonismo. Algumas, juntamente com Maria do Carmo, seguem em frente e tomam a liderança, estudam e vão à luta por seus interesses; outras como Rosa<sup>6</sup>, paneleira de 40 anos, diz que age do “barro à luta”, pois neste barro se fortaleceram as mulheres do Tucum na preservação de sua identidade.

A reflexão sobre a liderança feminina no Tucum, traz questões que não serão possíveis de aprofundar neste artigo em virtude de sua exiguidade, também, não se faz possível apresentar todas as mulheres e seus relatos e, justamente por isso, nos limitamos a uma reflexão em torno das questões teóricas e práticas que norteiam essa liderança.

Por fim, levando-se em consideração os pressupostos teóricos que dão suporte a esta pesquisa, ainda em curso e o contato com as mulheres da comunidade, este artigo intentou mostrar parte do emaranhado do tecido social do Tucum, onde aparecem visíveis as heranças de seu passado de escravidão e a força de um protagonismo feminino que se resignifica em suas práticas cotidianas.

---

<sup>6</sup> Entrevistada em 4 de agosto de 2012.

## Referências

ANDRADE, Maristela de Paula. Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.15, n.2, p. 455-451, 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. *Decreto Presidencial 4.887/2003* de 20 de novembro de 2003. Em: Diário Oficial da União, Edição Número 227 de 21/11/2003.

CALDWELL, Kia Lilly. *A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil*. Revista da ABPN, v.1, n. 1- mar-jun. de 2010.

DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18ª Ed. São Paulo: Edições Louyola, 2009.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MIRANDA, Carmélia A. S. *Luta, sobrevivência e cotidiano das mulheres quilombolas de Tijuacú/BA*. Prêmio Margarida Alves: II Coletânea sobre estudos rurais / 120 Ellen F. Woortmann, Adriana L Lopes, Andréa Britto, Caroline Molina (Org.). Brasília: MDA, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral, memória e cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão Baiano (1876-1888)*. Afro-Ásia, 35 (2007), 143-162.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 9, n.18 p.09-18, 1989.

\_\_\_\_\_. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Michele Lopes da. *Mulheres negras em movimento(s): Trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte – MG*. Dissertação de Mestrado. Educação.UFMG, 2007.

SILVA, Simone Rezende. *Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra*. Artigo no XII Colóquio Internacional de Geocrítica, maio de 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>  
Acesso em: 10 ago. 2012.

SILVA, Valdélcio Santos. Rio das Rãs à luz da noção de quilombo. *Revista Afro - Ásia*, 23 (1999), 267-295.

SOIHET, Rachel. Defrontando-se com preconceitos: mulheres e a luta pelo controle do corpo. Artigo publicado no *XIII Encontro de História*, Anpuh. Rio.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998, p. 7787.

TEIXEIRA, Leila Maria Prates. *Comunidade de Tomé Nunes: Memória e construção identitária no Alto Sertão Baiano*. Dissertação (Mestrado em História). UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2010.